

AUDIODESCRIÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

AUDIO DESCRIPTION IN THE CONTEXT OF HERITAGE EDUCATION

Carolina Schwaab Marçal¹

Patrícia Kayser Vargas Mangan²

Resumo: Este ensaio descreve resultados de uma pesquisa sobre audiodescrição no contexto da educação patrimonial, utilizando uma capela centenária como estudo de caso. Teve por objetivo propor um modelo de audiodescrição que atendesse às necessidades de deficientes visuais. Com o resultado desta pesquisa algumas contribuições foram feitas nesse contexto. As avaliações realizadas contaram com o apoio de deficientes visuais e especialistas em audiodescrição. A metodologia dessa pesquisa e os resultados obtidos podem servir como base para futuras iniciativas de audiodescrição e educação patrimonial.

Palavras-chaves: Acessibilidade. Audio descrição. Patrimônio cultural.

Abstract: This essay describes research results on audio description in the context of heritage education, using a century-old chapel as a case study. We aim to propose a model of audio description that meets the needs of the visually impaired. This technology is already being used in some cities, but still not very well formalized way that audio description should be built and offered, contributions that were acquired with the result of this research. The methodology of this research and the results can serve as a basis for future initiatives audio description and heritage education.

Keywords: Accessibility. Audio description. Cultural heritage.

¹ Licenciada em Computação pelo Centro Universitário La Salle. Atualmente aluna especial do mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

² Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/Sistemas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora do Centro Universitário La Salle desde 2000. Atualmente, é professora do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pertencendo a linha de Memória e Linguagens Culturais.

INTRODUÇÃO

A acessibilidade é um tema que está diretamente relacionado à prática da inclusão, e vem sendo tratada em fóruns e debates pelo mundo. Porém, tornar locais públicos acessíveis a todos nem sempre é uma tarefa simples e envolve custos muitas vezes altos. Cinemas, museus e teatros ainda estão distantes de muitas pessoas como as com deficiência visual. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo demográfico de 2010 foram contabilizadas mais de 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Dentre as deficiências pesquisadas, a visual foi a mais frequente, totalizando 35,8 milhões de pessoas com algum grau dessa deficiência. Essas pessoas tornam-se excluídas do contexto sociocultural no nosso país, uma vez que não são fornecidos recursos de acessibilidade que lhes propiciem participar de eventos culturais, restringindo o direito ao conhecimento patrimonial. A audiodescrição (AD) gravada é um recurso de acessibilidade que proporciona a inclusão dessas pessoas no meio cultural. Essa tecnologia já vem sendo utilizada em algumas cidades, mas ainda não há um padrão de como essa AD deve ser construída e ofertada. Franco (2010) salienta a importância de pesquisas na área da AD, para o desenvolvimento de normas ou manuais. A AD em locais como museus, casas de culturas, não transmite somente a descrição do objeto, também descreve a importância dele e o contexto histórico-cultural do mesmo.

Nesse contexto, o principal problema de pesquisa pode ser assim definido: Qual a melhor forma de construir e ofertar uma audiodescrição de acervos de museus para pessoas com deficiência visual? Adicionalmente, estabeleceram-se algumas questões norteadoras: O roteiro da audiodescrição precisa ser detalhado ou sucinto e quais tópicos devem ser abordados? Quais tecnologias podem ser utilizadas para essa construção? De que maneira deve ser ofertada essa audiodescrição?

Estar em uma constante evolução tecnológica proporciona que muitas sejam as formas de promover a inclusão social e cultural de pessoas com algum tipo de deficiência ou limitação. A audiodescrição é uma destas tecnologias que proporciona a inclusão de deficientes visuais (DV). Porém, ainda não existem normas nem regulamentos para essas audiodescrições, o que motivou a proposição dos objetivos desse projeto. Constituindo, desta forma, os objetivos deste projeto. O Objetivo Geral desse projeto é pesquisar as principais ferramentas e metodologias que são utilizadas para construir uma audiodescrição patrimonial e aplicá-las no contexto da Capela São José do UNILASALLE. Os Objetivos Específicos vislumbram (1) definir, através de estudos das principais técnicas de audiodescrição utilizadas, qual a melhor maneira de

elaborar o roteiro da audiodescrição gravada; e (2) estabelecer qual será o meio mais adequado para ofertá-la na capela para posterior avaliação pelo grupo de voluntários.

Assim, como fruto deste projeto de pesquisa, além de um guia para construção de novas audiodescrições e uma primeira versão de audiodescrição para a Capela São José, espera-se contribuir para o total acesso de cegos aos mais variados locais e atividades.

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE CULTURAL

O termo inclusão começou a ser utilizado e adquiriu uma definição mais consistente em meados da década de 1980, quando foi criado, nos EUA, o Movimento de Inclusão Social, que teve participação da ONU e da UNESCO. No Brasil, a acessibilidade começou a ser discutida, com mais ênfase, quando foi criada, em 2000, a Lei nº 10.098 que define as normas gerais e critérios básicos para possibilitar a acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, eliminando os obstáculos em ambientes públicos. Essa lei foi regulamentada em 2004 com a criação do Decreto nº 5.296 que conforme Franco (2010 p.02) refere-se em seu artigo determinação da implantação de três sistemas que garantem o amplo acesso desses cidadãos ao audiovisual sendo eles o *closed caption*, a LIBRAS e a audiodescrição.

Segundo Sarraf (2008, p.38) todo o trabalho de inclusão, em espaços culturais e sociais, tem sido alavancado pela mídia que faz um trabalho de sensibilização e conscientização. A atuação dos órgãos governamentais com criação de leis e normativas tem sido fundamental para que oportunidades sejam impulsionadas. Aos poucos a acessibilidade vai se tornando algo real, uma vez que é um público que ganha o direito de ir e vir. A inclusão precisa ser em todas as áreas, necessita ser trabalhada desde a escola para que a frase “Incluir as pessoas com deficiência nos meios educacionais, profissionais e sociais é colocar o indivíduo em igualdade de oportunidades.”, não seja somente uma oratória, mas uma realidade.

AUDIODESCRIÇÃO

Atualmente, o acesso ao conhecimento compartilhado no ciberespaço, em diferentes formatos, permite a um maior número de pessoas a oportunidade de acesso à informação. Porém nem todos conseguem acesso a essas informações em locais como centros culturais, internet ou até mesmo nos meios de comunicação como televisão e rádio. Para cegos e DVs, a AD é uma tecnologia que possibilita transformar

imagens e cenas em palavras, tecnologia essa que proporciona a acessibilidade de deficientes visuais em ambientes culturais. A tecnologia da audiodescrição pode ser aplicada em museus, cinemas e teatros, podendo ser ao vivo ou gravada. Em uma entrevista Schwartz (2012) refere-se à profissionalização da AD que é muito antiga, a descrição objetiva dos elementos que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual na vida cultural, dando autonomia a essas pessoas.

Com o avanço da tecnologia e de pesquisas, nos dias de hoje, a AD é uma realidade em muitos países, inclusive no Brasil. Na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, encontramos o Museu Joaquim Felizardo que possui um setor todo audiodescrito. Cada peça exposta possui uma audiodescrição com o contexto histórico e descrição. Porém, essa técnica ainda não está bem fundamentada. Em diversos artigos encontramos formas de se elaborar uma audiodescrição, mas sem formalização nem padronização. Branje e Fels (2012), em artigo sobre o software *Live Describe* que possibilita a criação de audiodescrições, amadoras, para filmes, analisam as audiodescrições criadas pelos familiares dos deficientes visuais, utilizando o software:

Descrições formais são criadas usando um processo que envolve os espaços de identificação entre os elementos do diálogo, onde as descrições podem ser inseridas e em seguida, escrever, gravar e editar um script para a descrição caber dentro desses espaços do vídeo. Descrição informal geralmente ocorre ao vivo e sem muita preparação escrita, de roteiro ou equipamento especializado para gravação. Além disso, todas as tarefas de descrição, incluindo a composição e a entrega são efetuadas por uma única pessoa. (Tradução própria)³.

As pesquisas realizadas em torno da AD são muito abrangentes, pois diversos pontos se tornam norteadores, desde a criação de um roteiro até ao público ao qual será disponibilizado. Atualmente, já estão sendo realizadas pesquisas na Federal da Bahia referente às diferenças entre as AD para deficientes visuais e intelectuais, visto que já foi detectado que existe uma diferença na metodologia para desenvolver cada AD. Esse trabalho tem como foco apenas a AD para cegos e DVs, através de descrições formais.

³ Do original: *Formal descriptions are created using a process involving identifying spaces between the elements of the dialogue where descriptions can be inserted and then writing, recording, and editing a description script to fit within these spaces. Informal description usually occurs live and without much preparation, writing or scripting, or specialized recording equipment. In addition, all description tasks, including the composition and delivery, are performed by one person.*(BRANJE; FIELS, 2012, p.02)

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A educação patrimonial pode ser definida como o ensino dos bens culturais, que em sua metodologia utiliza esses bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica, considerando os bens culturais como fonte primária de ensino. Conforme o guia básico de educação patrimonial escrito por Branco, Magalhães e Zanon (2009) o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriado e valorização de sua herança cultural.

Segundo Saballa (2007) na educação patrimonial existem alguns princípios básicos que proporcionam o debate da importância do direito à Memória, dando a oportunidade aos sujeitos de compartilhar suas memórias coletivamente, podendo ser passadas por gerações. A referência cultural não está somente inserida no contexto de museus e prédios antigos, está também nas festas típicas de um local, nos modos e nas formas de expressões, são objetos, práticas e lugares. Utilizar dessas referências, denominadas de patrimônio imaterial, na educação pode ajudar o aluno a entender e se sentir mais inserido no que está aprendendo.

METODOLOGIA E OBJETO DE ESTUDO

A pesquisa possui natureza aplicada, já que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, que são direcionados à solução de problemas específicos, e quanto aos objetivos a pesquisa foi de caráter exploratório. No ponto de vista da abordagem do problema a pesquisa é qualitativa, com a preocupação de entender a perspectiva dos participantes em relação à audiodescrição. Foram realizadas pesquisas de "qualidade" da audiodescrição, de forma anônima, com deficientes visuais. O grupo selecionado possuía quatro deficientes visuais e dois videntes, sendo um especialista na área da AD, um especialista e profissional na área de museologia, um especialista na área de iconografia religiosa e dois voluntários. Envolveu levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tem conhecimento aprofundado no assunto, deficientes visuais e estudos de caso. Com incursões na literatura buscou-se a elaboração de roteiros de AD e disponibilização das AD.

Utilizando-se critérios de elegibilidade para determinar uma amostra de seis pessoas, caracterizam-se três grupos de dois participantes. O primeiro grupo (G1) são os de DV, o segundo grupo (G2) especialistas em AD e o terceiro grupo (G3) especialistas da área de iconografia religiosa, patrimônio e na área de museologia. O grupo foi selecionado, dentro da comunidade acadêmica do UNILASALLE e dentro de associações de DVs, para fazer uso da AD e realizar as avaliações do ponto de vista

técnico e subjetivo. Os dados foram coletados de forma totalmente anônima, mediante assinatura prévia de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e os resultados publicados apenas de forma analítica que não permitem identificar os respondentes. A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNILASALLE, registrado com o parecer nº 227.117 (registro CAAE nº 14531113.4.0000.5307). Para os sujeitos cegos foi disponibilizada uma versão em Braille do TCLE e para os sujeitos com visão reduzida foi indicada a presença de um amigo ou familiar para fazer a leitura do mesmo e assinar como testemunha. O questionário que foi aplicado para a obtenção dos dados é composto por dez perguntas, sendo quatro objetivas e oito abertas.

Com relação ao objeto de estudo, esta pesquisa propôs-se a áudio descrever para o público de DVs os vitrais da Capela São José, localizada no Centro Universitário La Salle, na cidade de Canoas. A região ainda pertencia à cidade de Gravataí quando a capela São José foi erguida em 1910 e logo em seguida a capela passou por três reformulações. Em 1915 foi construído o salão de atos no segundo andar. Em 1939 foi edificado um novo andar, onde se situa o Auditório Ir. Bruno Rüdell (mais conhecido como auditório bordô). Em 2000 a capela passou por uma grande restauração, permanecendo fechada por três anos. A capela possui trinta e sete vitrais incluindo o da porta central. Nesta pesquisa efetuou-se a audiodescrição dos dezesseis vitrais que se localizam na parte térrea nas paredes laterais da capela.

O vitral é um tipo de vidraça composto por fragmentos de vidros coloridos que formam imagens quando iluminados pelo sol. Na construção de prédios religiosos é característico da arquitetura gótica, embora venha sendo usado ao longo dos séculos. O vitral em igrejas católicas costuma representar cenas ou personagens retratando passagens da bíblia ou da vida de santos. Os vitrais na parte térrea da Capela São José são compostos de imagens de santos, mártires rio-grandenses, símbolos, escudos e educadores que foram importantes na história da construção do La Salle. Aproveitou-se a oportunidade para criar juntamente com a audiodescrição, um áudio sobre simbologia de cada vitral, constituindo-se assim também de uma contribuição adicional no campo de educação patrimonial.

CONSTRUÇÃO DAS AUDIODESCRIÇÕES

A AD foi realizada em cinco etapas organizadas na ordem dos subitens desta seção.

FOTOGRAFIA

A etapa do registro fotográfico dos vitrais foi realizada pelo fotógrafo Antônio Carlos Grandini com o objetivo de captar as cores e imagens que os vitrais formavam quando iluminados pela luz natural. Esta etapa teve a duração de um dia. Neste processo foram registrados os dezesseis vitrais e a porta central. Na Figura 1 a esquerda pode-se observar a imagem formada pela luz natural e a quantidade de detalhes que ela possui. A Figura 2 **Erro! Fonte de referência não encontrada.** ilustra a diferença das cores dos vitrais formados sem a iluminação da luz natural. As cores são mais opacas dificultando o entendimento da imagem formada e logo a descrição dessas.

ROTEIRO

Na Espanha, em 2003, a Lei nº 51/2003 de *Igualdad de Oportunidades, No Discriminación y Accesibilidad Universal de lãs Personas com Discapacidad* (LIONDAU) marcou o início da legislação que beneficia a acessibilidade dos espanhóis com deficiência às produções audiovisuais. A partir dessa legislação, associações de deficientes e profissionais espanhóis desenvolveram a Norma AENOR UNE 153020 de 2005, um guia contendo uma série de definições sobre a forma de elaborar a AD. Esta norma é mais centrada na ação e nela podemos encontrar os seguintes requisitos necessários para a elaboração de uma AD de filmes (Tabela).

Figura 1: Imagem de São Luiz Gonzaga. Padroeiro da Paróquia.



Fonte: Foto de Antônio Carlos Grandini ano 2013.

Figura 2: Imagem externa da Capela São José.



Fonte: Foto de Antônio Carlos Grandini ano 2013.

Tabela 1: Requisitos da Norma AENOR UNE 153020 de 2005.

Requisito	Justificativa
Análise da obra	Não é possível inserir uma AD em todas as obras audiovisuais, devem-se analisar diferentes critérios, como verificar se existem janelas no vídeo para a inserção de informações, bem como a saturação ou a ausência de tais informações e que serão executados na linguagem da informação sonora da obra.
Escrevendo o roteiro	A norma diz que o audidescritor deve consultar a documentação sobre o tema e definição do trabalho. Pois esta informação será Adaptada para o tipo de trabalho e às necessidades do público a que se destina. Características como a trama, o gênero do filme, estilo de escrita simples, fluida, construção de frases diretas, adjetivos e terminologia específicas.
Revisão e correção do roteiro	As correções necessárias serão feitas para adaptar o roteiro para os padrões de audiodescrição. A norma garante que as correções devem ser revisadas por alguém que não seja o descritor e incorporar depois que o roteiro final.

Locução	O locutor é selecionado de acordo com o tipo de voz o tom certo para o trabalho, para que essas vozes sejam sempre claras para os ouvintes. Além disso, evitar entonação emocional, tendo sempre frases neutras
Montagem	São volumes equivalentes, efeitos ambientais e equalizadores.
Análise	De acordo com a norma, após a gravação no meio escolhido para o caso, é verificado se o produto atende aos requisitos audiodescritos.

Fonte: Autoria própria.

A norma ITC Guidance do Reino Unido traz em suas instruções que as AD devem ser mais detalhadas. Abaixo na Tabela 2 os passos para a criação de uma AD.

Tabela 2: Requisitos da Norma ITC Guidance

Requisito	Justificativa
Escolher um Programa Adequado	Esta escolha não se dá somente pela audiência, é importante, também, analisar a velocidade do programa, pois muitas vezes ele possui muitas ações em curto espaço de tempo deixando inapropriado para uma AD.
Visualização do Programa	É importante que o audiodescritor assista ao programa que irá ser trabalhado e faça uma análise detalhada do que se trata o vídeo.
Elaborar o Roteiro	É necessária uma estação de trabalho, pode ser um computador que deve ser capaz de associar os elementos do texto escrito com o programa no tempo correto.
Revisão do Roteiro	Uma vez que o projeto foi concluído, ele precisa ser revisado por um audiodescritor profissional. O roteiro pode precisar passar por uma aprovação da empresa, mas ocasionalmente isso é necessário. É preciso que o roteiro seja ensaiado muitas vezes.
Ajustar o Som do Programa	Quando um comentário descritivo é inserido num programa, o nível de áudio do programa de fundo deve ser reduzido de modo que a descrição possa ser claramente ouvida. A voz narrativa é fixada a um nível constante no início da gravação, mas o nível de fundo pode ser ajustado.
Gravação da AD	Tendo definido os níveis de áudio de fundo e marcado os tempos das inserções, o roteiro então é gravado. A AD não deve ser apressada, cada palavra deve ser clara, audível e cronometrado com cuidado para que

	ela não fique próximo ao diálogo de entrada. Gravar uma AD requer o mesmo nível de concentração e atenção à entonação como qualquer comentário. Pessoas com deficiência visual tendem a ter opiniões fortes sobre vozes. Se eles não gostam da voz, eles não vão ouvir.
Revisão da AD	É importante ouvir a gravação, para garantir que cada AD foi gravada sem erros, omissões ou imperfeições.

Fonte: Autoria própria.

O que diferencia as normas ITC e UNE são o uso de adjetivos e advérbios, no momento que se referem aos personagens e, sobretudo, na quantidade de informação descrita e no fornecimento de informações adicionais. Segundo Costa (2012, p.05).

[...] a norma UNE: 152030 (Espanha) diz que o audiodescritor deve usar “adjetivos concretos” evitando aqueles de significado impreciso, e não menciona o uso de advérbios. Já o *ITC Guidance* afirma que o uso de “*descriptive adjectives*” é muito importante na audiodescrição, podendo melhorar consideravelmente a compreensão de uma cena, mas não pode refletir o ponto de vista do audiodescritor. (COSTA, 2012, p.05).

Como se pode observar, as normas são para filmes, programas de televisão e peças de teatro. Não há uma norma específica para fotos, pinturas e imagens em geral. Audiodescritores profissionais tendem a aplicar partes das normas em seus trabalhos para seguirem um padrão. Em 2012 o Ministério de Educação e Cultura (MEC) com o objetivo de promover a acessibilidade, na área do Programa Nacional Livro Didático (PNLD), disponibilizou a Nota Técnica Nº 21/2012 MEC/SECADI/DPEE. Nessa nota estão contidos os requisitos de descrição que as imagens de livros necessitam ter para quando utilizar o software MecDaisy (solução tecnológica desenvolvida por meio de parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que permite a produção de livros em formato digital acessível, no padrão Daisy), para que ele faça a leitura correta e a pessoa com DV possa compreender claramente o que está sendo descrito. Ao todo são 30 requisitos fundamentais para que a descrição seja de ótima qualidade, destacando-se: (1) Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita – O que/quem; (2) Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita – Onde; (3) Empregar adjetivos para qualificar o sujeito, objeto ou cena da descrição – Como; (4) Empregar verbos para descrever a ação e advérbio – Para; (5) Descrever as circunstâncias da ação – Faz o que/como.

Na elaboração do roteiro da Capela São José, seguiu-se padrões UNE em junção com a nota técnica nº 21. Porém, o roteiro não contém somente a descrição visual, também está incluso o contexto histórico da imagem que está sendo descrita. Seguiu-

se as seguintes normas da AD para elaborar o roteiro: (1) Identificar o que será descrito; (2) Utilizar adjetivos para qualificar o objeto ou sujeito (*e.g.* homem está com cabeça baixa e olhar triste); (3) Frases curtas e objetivas. (*e.g.* Mulher veste vestido na cor azul); (4) Evitar palavras e frases repetidas durante a descrição; (5) Empregar verbos para descrever a ação; (6) Referente ao contexto histórico, trazer informações relevantes referente à imagem a qual se está descrevendo, levando-se em consideração aspectos históricos e culturais; (7) Não descrever a imagem induzindo o DV a uma conclusão sobre a imagem; (8) Iniciar a descrição usando a expressão: “o vitral⁴ mostra/apresenta”; (9) Descrever as cores das imagens.

Para os relatos históricos dos vitrais foi realizada uma entrevista com o responsável pela Capela São José do UNILASALLE, o qual passou diversas informações relevantes sobre os vitrais e a Capela desde sua construção até a última restauração. Também ocorreu uma conversa com uma pesquisadora da área de iconografia religiosa, que explicou sobre as imagens que lá estavam e contou um pouco das histórias de cada uma das imagens dispostas.

REFINAMENTO

O refinamento do conteúdo se deu a partir de observação direta de dados históricos obtidos via acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS) e informações sobre o simbolismo dos vitrais com apoio de pesquisadores do UNILASALLE. O roteiro passou por três especialistas antes de ser gravado, o primeiro especialista é da área do conhecimento de patrimônio e iconografia religiosa, nesta primeira análise foi observado os dados históricos que compuseram as descrições dos vitrais. A segunda análise foi na área do conhecimento da AD, uma profissional da área colaborou para a correção e aprimoramento de cada descrição do roteiro, as análises realizadas foram baseadas em regras das normas estabelecidas em outros países e pela nota Técnica do MEC e, claro, com a experiência de alguns anos já realizando audiodescrições para livros, filmes, teatro, cinema, conferências, museus entre outros locais. Na última análise, a área do conhecimento, foi a de um DV especialista em AD. A análise do roteiro se deu através da utilização de um software de leitor de tela. E por meio de seus conhecimentos e entendimento das informações que estava ouvindo, pode colaborar no melhoramento do roteiro.

A Figura 3, que apresenta o vitral do Evangelista São João, está às versões do roteiro desenvolvido e as observações que foram feitas em cada uma delas. Para os

⁴ Para outros contextos, troca-se “vitral” por a charge, a foto, história em quadrinho ou tira cômica.

demais quinze vitrais o processo foi análogo. O roteiro original, sem alterações e correções, segue ao lado direito da figura 3.

Figura 3: O Evangelista São João cujo símbolo é uma águia



Fonte: foto de Antônio Carlos Grandini ano 2013.

Vitral 1- O Evangelista São João cujo símbolo é uma águia. O vitral é retangular no tamanho de 2,30x1,20 ele é contornado por uma fina espessura de vitrais marrons, após temos mais um contorno de vitrais azuis, dentro dos vitrais azuis vem uma linha em zig-zag de vitrais marrons, que formam um arco na parte superior. Abaixo do arco formado pelos vitrais azuis temos um círculo que contém uma imagem de um homem ele está de lado com a face para o lado esquerdo, este homem possui cabelos compridos até o ombro na cor castanha escuro, ele veste uma roupa verde e um manto roxo. Atrás deste homem temos uma águia com a asa esticada fazendo uma menção à proteção deste homem. Ao redor da cabeça um círculo de vitrais amarelos fazem o desenho de uma auréola. Abaixo do círculo que contém a imagem do homem inicia um retângulo de vitrais amarelos e dentro desse retângulo outro retângulo de vitrais brancos. São João Evangelista foi um dos doze apóstolos de Cristo. É o autor do quarto e último Evangelho Canônico, pertencente ao Novo Testamento, o "Evangelho segundo João". Escreveu a primeira, a segunda e a terceira Epístola de João. Foi o único apóstolo que acompanhou Cristo até a sua morte. São João é representado sempre ao lado de uma águia, dando-nos a entender o seu evangelho elevou-se o mais alto que pode chegar a nossa humilde compreensão. O voo da águia alcança as maiores alturas.

Nesta análise foram observadas a seguintes informações na Tabela 3 abaixo.

Tabela 3: Análise realiza por especialista em AD

Especialista	Observações	Resultado
Especialista em AD	<p>A palavra vitral não deveria mais ser dita, pois se decidiu colocar no início do roteiro uma explicação sobre vitrais, seus significados;</p> <p>As descrições referentes ao tamanho e a composição do todo, também foram retiradas para que não se tornasse uma AD repetitiva e cansativa.</p>	<p>“Vitral 1- O Evangelista São João cujo símbolo é uma águia. O vitral retrata São João Evangelista, um dos doze apóstolos de Cristo. É um homem de cabelos marrons até o ombro. Está de perfil, com a face virada para o lado esquerdo. Veste uma túnica verde e um manto na cor roxo cobre seus ombros. Tem uma auréola ao redor da cabeça. Uma águia com a asa esticada por trás da cabeça de São João parece protegê-lo. São João Evangelista é o autor do "Evangelho segundo João", quarto e último Evangelho Canônico, pertencente ao Novo Testamento. Escreveu a primeira, a segunda e a terceira Epístola de João. Foi o único apóstolo que acompanhou Cristo até a sua morte. São João costuma ser representado ao lado de uma águia, dando-nos a entender que seu evangelho elevou-se o mais alto que pode chegar a nossa humilde compreensão, pois o voo da águia alcança as maiores alturas e se preocupa em comprovar a natureza divina de Cristo Jesus.”.</p>
Especialista em AD com deficiência visual	<p>A cor da águia não tinha sido descrita na primeira vez em que ela era citada; Quando se fala da águia não se cita a descrição dela;</p> <p>Ao se referenciar a cores não precisa colocar “na cor” exemplo “manto na cor azul” descreve-se “manto</p>	<p>“Vitral 1- O Evangelista São João cujo símbolo é uma águia cinza. O vitral retrata São João Evangelista, um dos doze apóstolos de Cristo. É um homem de cabelos castanhos até o ombro. Está de perfil, com a face virada para o lado esquerdo. Veste uma túnica verde e um manto roxo cobre seus ombros. Tem uma auréola ao redor da cabeça. Uma águia cinza está com a asa direita estendida por trás da cabeça de São João parece protegê-lo. São João Evangelista é o autor do "Evangelho segundo João", quarto e último Evangelho Canônico, pertencente ao Novo Testamento. Escreveu a</p>

	<p>azul”;</p> <p>Ao descrever cabelo e barba utiliza-se castanho no lugar de marrons, não quer dizer que esteja errado, porém soa melhor quando for ser narrado.</p>	<p>primeira, a segunda e a terceira Epístola de João. Foi o único apóstolo que acompanhou Cristo até a sua morte. São João costuma ser representado ao lado de uma águia, dando-nos a entender que seu evangelho elevou-se o mais alto que pode chegar a nossa humilde compreensão, pois o voo da águia alcança as maiores alturas e se preocupa em comprovar a natureza divina de Cristo Jesus.”</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autoria própria.

GRAVAÇÃO

A gravação do áudio leva em consideração as normas da UNE e ITC, referente à narração da AD, não deve ser apressada e cada palavra deve ser clara. A escolha do locutor é realizada de acordo com o tipo de voz o tom certo para o trabalho, para que essas vozes sejam sempre claras para os ouvintes. Além disso, evitar entonação emocional, tendo sempre frases neutras. O tom de voz e tipo de voz é extremamente importante já que se um DV não gostar da voz não irá ouvir a AD e logo não saberá do que se trata a AD, pondo em risco o trabalho realizado.

ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA AUDIODESCRIÇÃO DOS VITRAIS DA CAPELA SÃO JOSÉ

A análise da recepção da AD dos vitrais da Capela São José foi realizada com o objetivo de avaliar a criação de metodologias que são utilizadas para construir uma AD patrimonial para deficientes visuais. A recepção e análise foram realizadas através do envio de um e-mail para o grupo voluntário contendo o MP3 da AD, juntamente com um documento da entrevista estruturada que procurou mapear as leituras possíveis diante da AD apresentado.

ANÁLISE DV

A análise ocorreu com dois voluntários deficientes visuais com idade entre 35 e 37 anos, que no decorrer serão chamados de P1 e P2 para referenciar suas opiniões sobre a AD. Quando são questionados referentes ao início de suas cegueiras P1 responde que está vinte anos com DV e P2 está com dezesseis anos. Esta informação é

relevante, pois ao descrever os objetos e cores existe uma facilidade no entendimento deles, pois eles já observaram tal informação que está sendo descrita. Referente a visitar ambientes culturais ambos responderam que costumam frequentar. Sobre a qualidade da AD, ambos respondem que estava bom. P2 refere-se à questão de ainda não existir normas nem regras para a criação da AD o que dificulta uma avaliação sobre ela, “A audiodescrição é um recurso, novo ainda não existem regras nem normas absoluta para delimitar sua execução, por isso está em busca da excelência.”.

A narração e velocidade da AD também foram questionadas. Os voluntários colocaram que a AD estava numa velocidade normal, e quando questionados sobre alguma melhoria P1 diz “A narração poderia ter uma fluência mais natural.” Na pergunta onde são questionados sobre o acompanhamento dos detalhes dos vitrais na AD, P1 e P2 responderam que sim, mas P2 não conseguiu entender o significado de algumas palavras. Como a AD é uma descrição com informações históricas é necessário no início da AD colocar um glossário com o significado de algumas palavras e até mesmo siglas, é de extrema importância que AD utilize um vocabulário mais simples com palavras mais claras em seus significados.

Referente à ausência de informações na descrição dos vitrais P1 e P2 foram claros ao dizer que não sentiram falta de nenhum detalhe, porém P1 sentiu falta da descrição do ambiente da dimensão espacial do local onde estão localizados os vitrais. Esta observação é relevante, já que ao entrar na capela, uma pequena descrição do ambiente é necessária para que haja uma localização de onde se está no momento em que inicia a AD dos vitrais. As informações que mais chamaram a atenção de P1 foram as belezas da arte expressa nos vitrais, para P2 foram as informações culturais ligadas aos vitrais. Observou-se que a junção de uma descrição com contexto histórico pode ser bem utilizada, levando aos usuários da AD a fazerem uma pequena viagem pelo conhecimento da história do local ao qual eles estão visitando.

Foi solicitado aos participantes que descrevessem sobre a importância da AD para a facilitação da leitura de cegos de obras audiovisuais. P1 disse que “A AD de imagens e cenários, tem sido decisiva para a inclusão de pessoas com deficiência visual na classe de pessoas culturalmente ativas. Esse público tem protagonizado uma mudança de panorama e perspectiva de potenciais usuários de produtos culturais que eram antes inimagináveis ao entendimento de qualquer produtor de arte e cultura.” No momento em que uma AD é construída, inicia-se o processo de compartilhar o conhecimento do que está se vendo, e quando colocado informações adicionais, podendo ser históricas ou de simples curiosidades, isso pode agregar um valor ao conhecimento. Desta maneira colabora-se com os DV que por muitas vezes deixam de

participar ou de apreciar as obras de arte, imagens, peças teatrais entre outras, por falta desta tecnologia.

Ao concluir o questionário foi perguntado se eles desejam contribuir com melhorias para aprimorar o recurso e facilitar ainda mais sua compreensão da audiodescrição. O participante P1 só informou que o roteiro e informações históricas estavam excelentes, mas a narração do áudio deveria passar por alguns ajustes. O participante P2 não respondeu esta questão. Pela análise realizada, a AD no contexto geral está com boa qualidade, é preciso fazer alguns ajustes de roteiro, verificar palavras novamente, mudar os tons de narração ou até mesmo alterar o locutor. Para que a AD seja um produto de ótima qualidade.

ANÁLISES PROFISSIONAIS ESPECIALISTAS EM AD

Os profissionais especialistas em AD possuíam idades entre 39 e 50 anos, ao longo do relatório eles serão denominados como P3 e P4, um dos especialistas é DV. O participante P3 costuma visitar ambientes culturais com AD, como cinemas, teatro e museus. Quando questionado referente à qualidade da AD marcou boa e observou que as descrições estão objetivas e completas, porém havia insegurança na narração, pela falta de experiência, com uma boa velocidade. Segundo P3 na AD foi possível criar as imagens na imaginação com base nos detalhes descritos. O que mais chamou a atenção de P3 foi misturar descrição com fatos históricos, deixando a AD um pouco mais rica na visita à Capela São José. Sobre importância da AD P3 acredita ser fundamental para que pessoas com deficiência visual tenham acesso ao mundo imagético. O que realmente fortalece o que foi visto na seção 0 sobre a importância de termos, cada vez mais, locais culturais com AD.

Para contribuir com as metodologias da criação de uma AD, P3 ainda sugeriu que fosse incluído um texto ao fim informando o final da visita, agradecendo a presença do visitante e informando os dados dos criadores da AD, para que os visitantes possam dar seu depoimento caso desejem. O participante P4 com DV já há trinta anos, costuma visitar ambientes culturais, cursos e seminários com AD. Avaliou a AD como boa, mas a narração pode ser melhorada com o afastamento do microfone, pois como a voz do locutor era muito baixa, o som do microfone teve que ser aumentando no máximo, então teve muito som ambiente capturado o que nem com a mixagem pode ser resolvido. Também foi observado que é fundamental acrescentar os créditos dos criadores da AD ao final dela. Conforme P4 a descrição está bem detalhada e compreensível, deixando o participante bem informado, percebendo que os vitrais são ricamente adornados e possui muitas figuras históricas.

Quando questionado sobre a importância da AD P4, citou: “Sendo a audiodescrição um recurso que traduz imagem em palavras, para uma pessoa cega a audiodescrição deveria estar presente em todos os momentos e espaços. Só assim teríamos certa equiparação com o que é oferecido para as pessoas videntes minimizando as diferenças de acesso.” O participante P4 levantou uma questão importantíssima, a de ter a AD em toda a capela, pois para as pessoas videntes que visitam o local a riqueza de detalhes que são vistas é imensa. Acrescentou, ainda, que deveria ter a possibilidade de ter um áudio guia para a locomoção do DV enquanto faz o *tour*.

Quanto à contribuição para as metodologias de uma AD de qualidade, o participante P4 informou que seria interessante ter um glossário de termos poucos usuais ou específicos do tema. Pois como alguns termos são próprios da religião católica, é interessante especificar e identificar.

Com base nos relatos foi possível observar que um dos principais pontos que necessita aperfeiçoamento é a locução, pois conforme a autora Tavares et. al (2012, p11) “o roteiro é um recurso de suporte para a execução do trabalho do áudio-descritor que deverá ser discutido, preferencialmente, por mais de um profissional [...] Assim, quanto mais o roteiro é debatido, analisado e revisado, mais susceptível a acertos.” No caso da AD da pesquisa, que foi um protótipo, o locutor deveria ser alterado ou o roteiro deveria ser mais ensaiado e melhorado, para uma melhor aceitação do público interessado.

ANÁLISE PROFISSIONAL ESPECIALISTAS EM ICONOGRAFIA E NA ÁREA DE MUSEOLOGIA

A análise pelos profissionais contou com a participação de duas áreas específicas ao qual se enquadra a Capela São José, pois a iconografia religiosa é uma área de estudo que investiga sobre a origem das imagens, o que colabora na análise da descrição histórica das imagens. Na área de museologia que cuida da parte referente à administração, organização e manutenção de museus, colaborou na análise da AD como um guia para visitação da capela. Os participantes que serão denominados de P5 em museologia e P6 especialista em iconografia religiosa possuem idades entre 47 e 62 anos. Sendo P5 com DV e P6 sem DV. O participante costuma ir a ambientes culturais com e sem AD, locais como o museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, sala de redação da UFRGS, peças de teatro, exposições e caminhadas orientadas.

Na qualidade da AD foi levantada novamente a questão da locução segundo P5 “Destaco que a AD de um ambiente sempre deve ser ouvida no próprio ambiente, para que a pessoa com deficiência visual possa “sentir” e tocar nas paredes, janelas, portas e, se possível, em réplicas ou objetos. Acredito que o texto descrito esteja de acordo com o ambiente. Sugerimos que a narração seja gravada por um profissional da área, pois o áudio não ficou com um bom ritmo, não respeitando a pontuação do texto.” Como sugestão P5 acrescentou que se deve falar pausadamente e cuidar a dicção para certas palavras.

Como a pesquisa e AD foram enviadas por e-mail P5 observou que por ser um áudio guia ele deveria ter sido aplicado no ambiente que estava sendo descrito, para que o DV possa sentir o local. Na questão onde se pergunta se sentiu a necessidade de algo que não foi descrito nos vitrais P5 foi claro ao dizer que não tem como saber. Mas a riqueza de detalhes lhe chamou a atenção. O que leva a uma questão importante observada a validação do conteúdo que será AD, por isso a importância de normas e regras para a criação de uma AD, para que elas sejam validadas não só pelos profissionais da área onde ela será disponibilizada, mas também por regras as quais elas se encaixem. O profissional P5 enfatiza que a vivência no ambiente e o toque em maquetes, paredes, objetos entre outros, completa o entendimento e a percepção da pessoa com DV. Para melhorias na AD P5 sugeriu que a avaliação da AD deveria ser realizada na Capela São José para sentir o ambiente.

O participante P6 costuma frequentar ambientes culturais, classificou a AD como excelente, pois tem uma riqueza de detalhes. Na análise de P6, a voz esta sonora e adequada, o que diferencia das opiniões dos outros participantes, isso se dá pela diferença de ela não possuir DV, pois o sentido da audição nos DV fica mais desenvolvida, pois segundo Dr. Olivier Collignon (2013), comparou a atividade cerebral de pessoas que podem ver e as pessoas que nasceram cegos, e descobriu que a parte do cérebro que normalmente trabalha com os nossos olhos para processar visão e espaço de percepção pode realmente reprogramar-se para processar a informação do som em seu lugar.

Referente à velocidade da AD P6 informou que estava em um ritmo adequado podendo acompanhar os detalhes, já que é preciso trabalhar com a imaginação do ouvinte. Ele conseguiu acompanhar os detalhes do vitral, disse ainda que o DV terá uma ideia geral. Como sugestão P6 colocou que “acrescentaria, num segundo momento, um pouco da história dos personagens e talvez de sua importância em estar neste ambiente Lassalista. Isso precisaria fazer num 2º ou 3º momento para que a pessoa não se cansasse, pois são muitas informações.” O que mais chamou a atenção

do participante foi a segurança e emoção demonstrada na AD dando valor ao ambiente descrito.

Os participantes P5 e P6 valorizam o trabalho e a inclusão da tecnologia em ambientes culturais e patrimoniais. O protótipo da AD precisa ser melhorado talvez com a mudança do locutor ou com mais ensaios e preparação do mesmo. A AD é uma tecnologia importante na vida de um DV e precisa de metodologias e normas para ser criada. Pois como foi observado no decorrer da pesquisa é a forma como se descreve um ambiente ou uma imagem para quem não possuiu visão, então não será contestada muitas vezes, pois a pessoa que ali se encontra visitando o ambiente não pode ver se o que está sendo descrito condiz realmente com o que está no local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AD é fundamental para a inclusão dos deficientes visuais, possibilita novas experiências e sentimento de pertencimento social para eles, ao permitir acesso à ambientes, peças teatrais, filmes, seminários, museus entre outros. A pesquisa aqui apresentada permitiu, ao mesmo tempo, avançar nas metodologias para construção de audiodescrição, e ajudar na divulgação da importância da acessibilidade à cultura. Existem vários trabalhos relacionados à acessibilidade em museus, mas em menor quantidade em patrimônios materiais como igrejas, capelas e prédios históricos. Quando neste contexto buscamos a questão de acessibilidade para DVs, temos ainda um menor número de trabalhos. Deste modo, esse trabalho também pode contribuir para motivar novos pesquisadores a trabalhar nesta temática e para gerar produtos que possam ser utilizados pela comunidade. O conjunto de imagens juntamente com as audiodescrições será compartilhado com um grupo de pesquisadores do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE.

Como trabalho futuro, será elaborado um material didático dos vitrais, contextualizando o significado de cada vitral e qual o motivo de ter aquele vitral, podendo ser ouvida tanto por cegos quanto por videntes. Também ficará como trabalhos futuros criar uma AD de locomoção na capela e outros conjuntos de audiodescrições que permitam acesso à totalidade das informações sobre a capela utilizada como estudo de caso, bem como de prédios e estatuários adjacentes.

REFERÊNCIAS

BRANJE Carmen J.; FELS Deborah I. **LiveDescribe**: Can Amateur Describers Create High-Quality Audio Description? *Journal of Visual Impairment & Blindness*. Mar 2012, Vol. 106, Issue 3, p154-165.

BRANCO, Patrícia M. C.; MAGALHÃES, Leandro H.; ZANON, Elisa. R.; P. M. C. Branco; **Educação Patrimonial: da teoria a prática**. Londrina: Ed. UniFil, 2009. p.112.

____BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 3 Dez. 2004

COLLIGNON, Olivier; VANDEWALLE, Gilles; VOSS, Patrice; ALBOUYC, Geneviève; CHARBONNEAU, Geneviève; LASSONDEA, Maryse; LEPORE, Franco; “**Functional specialization for auditory–spatial processing in the occipital cortex of congenitally blind humans**”.

Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/suppl/2011/02/23/1013928108>.

DCSupplemental> Acesso em: 29 Mai. 2013

COSTA, Larissa. Normas técnicas da audiodescrição nos Estados Unidos e na Europa e seus desdobramentos no Brasil: interpretação em foco. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, Vol. 13, No 13, 2012.

FRANCO, Eliana P. C., A importância da pesquisa acadêmica para o estabelecimento de normas da audiodescrição no Brasil. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, vol. 3, no. 3, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=%202125&id_pagina=1. Acesso em: 22 Out. 2012.

ITC Guidance on Standards for Audio Description, 2000. Disponível em:

http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/itc_publications/codes_guidance/audio_description/index.asp.html [Acesso em 10 10 2012]

Ley 51/2003, de 2 diciembre, de igualdad de oportunidades, no discriminación y accesibilidad universal de las personas con discapacidad.

Norma AENOR – UNE153020. Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías. AENOR, Madrid, 2005.

NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=>

[com_docman&task=doc_download&gid=10538&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10538&Itemid=) >Acesso em: 18 Mai 2013.

TAVARES, Fabiana; BONA, Viviane; SILVA, Andreza da N.; CARVALHO, Isis; VIANA, Elisangela et. al. **Reflexões sobre o pilar da áudio-descrição: “descreva o que você vê**. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), 2010. Disponível em :

<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/58/84> Acesso em 20 Mai 2013.

SABALLA, Viviane. A. **Educação Patrimonial: Lugares de Memória**. Revista Mouseion, v. 1, Jun 2007.

SARRAF, Viviane P.. **Reabilitação do museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação), USP, 2008.

SCHWARTZ, Leticia, Fabio Rosso entrevista a audiodescritora Letícia Schwartz. 2011a.

Disponível em: <<http://www.faders.rs.gov.br/portal/index.php?id=servico&cat=21&cod=1186>>

Acesso em: 05 Nov. 2011.